

Cadernos do CNLF, Vol. XIII, Nº 04

O DISCURSO E SUAS REFORMULAÇÕES: UMA ANÁLISE DISCURSIVA ACERCA DA RELAÇÃO DE TRABALHO E LAZER DENTRO DA FÁBULA “A CIGARRA E A FORMIGA”

Dayhane Alves Escobar Ribeiro (UERJ)
dayhanescobar@bol.com.br

INTRODUÇÃO

O presente trabalho visa a realizar uma análise comparativa entre os discursos das fábulas “A cigarra e a formiga” de La Fontaine, “Cigarra e a Formiga (a formiga boa)” de Monteiro Lobato e “A formiga e a cigarra” (Conto clássico revisado) de autoria desconhecida. A motivação para desenvolver este trabalho de análise discursiva parte das possíveis leituras de uma mesma história³⁰; mais precisamente, das diferentes versões que podem ser produzidas a partir de um único escopo, como acontece com a fábula selecionada “A Cigarra e a formiga”.

Parece interessante analisar, no plano discursivo, as mudanças e permanências realizadas no corpo do texto e como estas estão associadas ao contexto cultural no período que foram produzidas. Percebe-se a modificação de valores, crenças e principalmente da *Moral* da história a partir de cada versão. Esta “voz da sabedoria popular” parece reproduzir nos leitores uma reflexão acerca dos pontos desenvolvidos na narrativa, levando-os a se posicionarem quanto aos sentidos atribuídos à questão de trabalho e lazer em relação aos fatos narrados nas histórias.

³⁰ As palavras “estória” e “história” são aceitas por diversos autores, com significados distintos:
- estória: exposição romaneada de fatos imaginários, narrativas, contos, fábulas;
- história: para dados históricos, que se baseiam em documentos ou testemunhos.

Estas duas palavras constam do *Vocabulário Ortográfico da Língua Portuguesa* da Academia Brasileira de Letras. Mas o *Novo Dicionário Aurélio da Língua Portuguesa* recomenda simplesmente a grafia histórica, nos dois sentidos. E o dicionário de Caldas Aulete refere-se à forma histórica como um brasileirismo, isto é, apenas um aportuguesamento da forma inglesa “story”. Portanto, adotaremos, neste trabalho, o registro histórico.

Cadernos do CNLF, Vol. XIII, N° 04

Na fábula de La Fontaine, o trabalho se sobressai em relação ao lazer, à medida que se imprime a ideia de que é necessário acumular “bens” (alimentos-frutos de uma árdua jornada) para garantir a sobrevivência. Já na versão atualizada (neste caso a de autoria desconhecida), o lazer proporcionaria à personagem, representada na figura da cigarra, êxito profissional, partindo-se do pressuposto de que esta não prestigia somente o trabalho, conseguindo conciliar obrigação e diversão. Sendo assim, percebe-se que entre as versões se estabelece uma tensão, a qual evidencia fatos que embora pareçam ser repetitivos são apresentados diferentemente. Logo o leitor é colocado diante da mesma fábula “uma formiga trabalhadora e uma cigarra cantante”, sendo que a versão atualizada estabelece uma releitura em face à produção do escritor francês. O *trabalho* pode ser analisado nas produções sobre diferentes aspectos, sobretudo se levarmos em consideração que foram elaboradas e veiculadas de acordo com um determinado período histórico, o qual parece imprimir um juízo de valor.

1. As fábulas

Iniciaremos com a fábula original de La Fontaine “A cigarra e a formiga”, escrita no século XVII, retirada do livro *Fábulas de La Fontaine*, 1992.

A CIGARRA E A FORMIGA

La Fontaine

A cigarra, sem pensar
em guardar,
a cantar passou o verão.
Eis que chega o inverno, e então,
sem provisão na despensa,
como saída, ela pensa
em recorrer a uma amiga:
sua vizinha, a formiga,
pedindo a ela, emprestado,
algum grão, qualquer bocado,
até o bom tempo voltar.
"Antes de agosto chegar,
pode estar certa a senhora:
pago com juros, sem mora."
Obsequiosa, certamente,

Cadernos do CNLF, Vol. XIII, Nº 04

a formiga não seria.
"Que fizeste até outro dia?"
perguntou à imprevidente.
"Eu cantava, sim, Senhora,
noite e dia, sem tristeza."
"Tu cantavas? Que beleza!
Muito bem: pois dança agora..."

Monteiro Lobato e José Paulo Paes escreveram sua versão no século XX, veremos, agora, a versão do autor Monteiro Lobato, do livro *Fábulas*, 1994.

A CIGARRA E A FORMIGA (A FORMIGA BOA)

Monteiro Lobato

Houve uma jovem cigarra que tinha o costume de chiar ao pé do formigueiro. Só parava quando cansadinha; e seu divertimento era observar as formigas na eterna faina de abastecer as tulhas.

Mas o bom tempo afinal passou e vieram as chuvas.

Os animais todos, arrepiados, passavam o dia cochilando nas tocas.

A pobre cigarra, sem abrigo em seu galhinho seco e metida em grandes apuros, deliberou socorrer-se de alguém.

Manquitolando, com uma asa a arrastar, lá se dirigiu para o formigueiro. Bateu – tique, tique, tique...

Aparece uma formiga friorenta, embrulhada num xalinho de paina.

- Que quer? – perguntou, examinando a triste mendiga suja de lama e a tossir.

- Venho em busca de agasalho. O mau tempo não cessa e eu...

A formiga olhou-a de alto a baixo.

- E que fez durante o bom tempo que não construí a sua casa?

A pobre cigarra, toda tremendo, respondeu depois dum acesso de tosse.

V - Eu cantava, bem sabe...

- Ah!... exclamou a formiga recordando-se. Era você então que cantava nessa árvore enquanto nós labutávamos para encher as tulhas?

- Isso mesmo, era eu...

- Pois entre, amiguinha! Nunca poderemos esquecer as boas horas que sua cantoria nos proporcionou. Aquele chiado nos distraía e aliviava o trabalho. Dizíamos sempre: que felicidade ter como vizinha tão gentil

Cadernos do CNLF, Vol. XIII, N° 04

cantora! Entre, amiga, que aqui terá cama e mesa durante todo o mau tempo.

A cigarra entrou, sarou da tosse e voltou a ser a alegre cantora dos dias de sol.

Atualmente, outra versão desta mesma fábula circula via e-mail pela internet como Conto Clássico Revisado, de autoria desconhecida.

A FORMIGA E A CIGARRA

Era uma vez, uma formiguinha e uma cigarra muito amigas. Durante todo o outono, a formiguinha trabalhou sem para, armazenando comida para o período de inverno. Não aproveitou nada do sol, da brisa suave do fim da tarde e nem do bate papo com os amigos ao final do trabalho tomando uma cervejinha. Seu nome era “trabalho” e seu sobrenome, “sempre”. Enquanto isso, a cigarra que só queria saber de cantar nas rodas com os amigos e nos bares da cidade; não desperdiçou um minuto sequer, cantou durante todo o outono, dançou, aproveitou o sol, curtiu para valer sem se preocupar com o inverno que estava por vir. Então, passados alguns dias, começou a esfriar. Era o inverno que estava começando. A formiguinha, exausta de tanto trabalhar, entrou para a sua singela e aconchegante toca repleta de comida. Mas alguém chamava por seu nome do lado de fora da toca. Quando abriu a porta para ver quem era, ficou surpresa com o que viu: sua amiga cigarra estava dentro de uma Ferrari com um aconchegante casaco de *vison*. E a cigarra disse para a formiguinha:

* Olá amiga, vou passar o inverno em Paris. Será que você poderia cuidar da minha toca?

E a formiguinha respondeu:

* Claro, sem problemas! Mas o que aconteceu?

Como você conseguiu dinheiro para ir a Paris e comprar esta Ferrari?

E a cigarra respondeu:

* Imagine você que eu estava cantando em um bar na semana passada e um produtor gostou da minha voz. Fechei um contrato de seis meses para fazer shows em Paris... A propósito, a amiga deseja algo de lá?

Respondeu a formiguinha:

* Desejo sim. Se você encontrar um tal de La Fontaine (autor da fábula original) por lá, mande ele para PQP!!!

1.1. Definir gênero do discurso de acordo com Bakhtin

Todo texto pertence a uma categoria de discurso, a um gênero de discurso. A noção de gênero, no uso corrente, indica o meio para o indivíduo localizar-se no conjunto das produções textuais. Os gêneros do discurso não podem ser considerados como formas que se encontram à disposição do locutor a fim de que este molde seu enunciado nessas formas. Trata-se, na realidade, de atividades sociais que, por isso mesmo, são submetidas, a um critério de êxito. As práticas sociais envolvem qualquer modificação da finalidade do discurso, dos estatutos dos parceiros ou do tempo e do lugar da comunicação, do suporte material, das condições de aprendizagem das formas textuais, e outros que ocasionam, no fim, uma modificação das rotinas empregadas pelos locutores para a execução de suas tarefas.

A noção de gênero se estende a todos os tipos de produções verbais, ele está associado a certa organização textual que cabe a linguística textual estudar, isto é, cada enunciado é formado por um encaadeamento de constituintes em diferentes níveis, a dissertação, por exemplo, é uma organização textual rígida que marca um determinado gênero do discurso, entretanto, uma conversa familiar apresenta uma estrutura mais flexível. Desta forma, podemos dizer que gêneros do discurso são rótulos de vasta abrangência que compreende a produção de um indivíduo ou de toda uma comunidade.

Segundo Bakhtin (2000), os gêneros do discurso pertencem a diversos *tipos* associados aos vastos *setores de atividade social*, ressalta-se o costume de recorrer a metáforas tomadas de empréstimos para caracterizar estes gêneros, evidenciando um aspecto importante no âmbito social. Dizer que o gênero do discurso é um contrato, metaforizando o domínio jurídico, significa afirmar que ele é fundamentalmente cooperativo e regido por normas. Da mesma forma, quando associamos um papel (domínio teatral) ao gênero ressaltamos a insistência no fato de cada gênero do discurso implica os parceiros sob a ótica de uma condição determinada e não de todas as suas determinações possíveis. Já se o considerarmos um jogo, enfatizando o domínio lúdico, o gênero implicará em várias regras preestabelecidas mutuamente conhecidas e cuja transgressão põe o participante “fora do jogo”, sem contar que, neste caso, o gênero do discurso raramente será gratuito, pois ele não visa apenas ao lazer.

Cadernos do CNLF, Vol. XIII, N° 04

Desta forma, considerar-se-á que um espaço social pode ser caracterizado pelos gêneros que ele torna possível e que o tornam possível, associando as práticas discursivas de novas tendências às práticas sociais a partir de uma comunidade de sustentação, que encara o texto de forma inseparável de seu modo de existência material.

1.1.1. Critérios relativos a tipos e gêneros de discurso

Os gêneros podem permitir a seleção e classificação dos diferentes textos literários, segundo critérios de naturezas distintas que surgiram ao longo da tradição literária. Nota-se que a denominação desses gêneros apóia-se em critérios muito heterogêneos que apresentam categorias, as quais variam em função do uso que delas se faz, correspondendo às necessidades da vida cotidiana.

Os critérios de composição, de forma e de conteúdo distinguem os gêneros (poesia, teatro, romance, ensaio). Os critérios que remetem a diferentes modos de conceber a representação da realidade, definidos por meio de textos ou manifestos têm por função fundar Escolas correspondentes aos períodos históricos (Gêneros românticos, realistas, naturalistas). Há ainda os critérios que remetem à estrutura dos textos, e particularmente, a sua organização enunciativa (romances históricos, autobiografias). Todavia, vale a pena lembrar que um mesmo tipo de texto pode acumular vários desses critérios de modo homogêneo ou heterogêneo.

O rigor para definir estes critérios impede que se aceitem critérios variados, que correspondem a formas distintas de aprender o discurso, por isso, estipulou-se algumas tipologias de diferentes ordens: *as tipologias comunicacionais* ora são classificadas por funções da linguagem ora por funções sociais, isto se deve ao fato de um mesmo discurso mobilizar muitas funções ao mesmo tempo; *as tipologias de situações de comunicação* possuem um caráter historicamente variável, pois designam o que habitualmente entendemos por *gêneros de discurso*, caracterizando uma sociedade pelos gêneros que ela torna possível e que a tornam possível, estes podem ser divididos tomando por invariante não um setor de atividade, mas um lugar *institucional*, também podemos tomar como critério *o estatuto dos parceiros* do discurso; *as tipologias linguísticas e discursivas*

Cadernos do CNLF, Vol. XIII, N° 04

não separam as caracterizações ligadas às funções, aos tipos, aos gêneros de discurso e aos enunciados, ao contrário das tipologias comunicacionais que não levam em consideração os funcionamentos linguísticos dos textos.

Não obstante, cabe ressaltar que apesar destes critérios e tipologias, um gênero de discurso encontra-se submetido a um conjunto de condições de êxito, como a necessidade de ter uma finalidade reconhecida, visando a certo tipo de modificação da situação da qual participa a fim de que o destinatário possa ter um comportamento adequado a gênero utilizado. Além disso, devem assumir o estatuto de parceiros legítimos, determinando de quem parte e a quem dirige a fala, como também, deve implicar o lugar e o momento legítimo de forma constitutiva, mas não evidente, isto é, a temporalidade de um gênero implicará vários eixos (periodicidade, encadeamento, continuidade e duração de validade presumida).

1.2. Deslocamento de sentido do trabalho – Mesmo / outro

O que se propõe de chamar de *deslocamento de sentido* está relacionado com a característica pertinente da palavra, neste caso *trabalho*, no estudo da semântica. A palavra isolada de um contexto tem a sua importância, mas não é apenas a palavra que estabelece a rede de comunicação e construção de sentido. Quando se propõe analisar o gênero *fábula*, destaca-se que cada gênero discursivo está ligado à semântica através da adequação vocabular, por isso a escolha do corpus para este trabalho preocupou-se com o fato de a semântica não estar apenas nas palavras, mas nas redes de significação, muito além do sentido da palavra, atentou-se para as redes estabelecidas no texto como uma unidade de significação.

Desta forma, se deu a escolha de diferentes versões de uma mesma fábula, pois os autores, apesar da mudança no enredo e na moral (*o outro*), mantiveram as mesmas palavras em suas histórias (*o mesmo*), como cigarra, formiga, cantar e trabalhar, entretanto, nota-se que estas palavras não estão soltas no mundo, uma vez que elas, discursivamente, expressaram pensamentos diferentes. Logo, a língua torna-se um instrumento para a realização do pensamento, a condição de exteriorização do mesmo.

Cadernos do CNLF, Vol. XIII, Nº 04

Tendo em vista que as fábulas foram escritas em épocas e contextos diferentes pôde-se expressar através da palavra a decodificação do pensamento de cada momento histórico:

(1) Tu cantavas? Que beleza!

Muito bem: pois dança agora... (La Fontaine)

A resposta da formiga para a cigarra mostra a importância do trabalho, trazendo como moral a necessidade de se fazer primeiro o dever depois o lazer. Ostenta-se neste momento, século XVII, a valorização do trabalhador e o prejuízo para aquele que não faz nada ou apenas canta, como fez a cigarra, enquanto as formigas trabalhavam.

(2) - Pois entre, amiguinha! Nunca poderemos esquecer as boas horas que sua cantoria nos proporcionou. Aquele chiado nos distraía e aliviava o trabalho. (Monteiro Lobato)

Nesta situação, vemos a compreensão da formiga, entendendo a situação da cigarra, pronta para ajudá-la e retribuí-la com gratidão a ajuda que recebeu da cantoria da cigarra enquanto colhia alimentos, vendo que a mesma não pudera fazer isto, pois ajudava de outra forma, isto é, cada uma fazia a sua parte. Nota-se aqui, a valorização de cada trabalhador, independente da função o que se pretende é mostrar que cada um tem um dom, um trabalho e que todos são importantes sem discriminação (anos 90).

(3) A formiguinha, exausta de tanto trabalhar, entrou para a sua singela e aconchegante toca repleta de comida. Mas alguém chamava por seu nome do lado de fora da toca. Quando abriu a porta para ver quem era, ficou surpresa com o que viu: sua amiga cigarra estava dentro de uma Ferrari com um aconchegante casaco de *vison*.

As palavras “formiguinha” e “singela” marcam o perfil humilde do trabalhador em oposição às palavras “Ferrari” e “*vison*”, que expressam modelos caros de carro e casaco, marcando um novo perfil para a cigarra ‘*pop star*’. Neste caso, não se valoriza o trabalho em demasia, mostrando que se deve saber dosar trabalho e lazer, pois os benefícios nem sempre são proporcionais às quantidades de trabalho. O que vemos aqui é a não valorização do trabalho manual, mas a recompensa financeira para um trabalho artístico. (século XXI)

Com base nestas informações pode-se entender que o estudo da temática do *trabalho* por meio da análise do texto fabular torna-se significativo, na medida em que esse gênero é proveniente da tradi-

Cadernos do CNLF, Vol. XIII, Nº 04

ção oral. As narrativas orais partiam de experiências cotidianas e tinham a finalidade de entretenimento ou admoestação. Não tinham um autor específico e eram criações do imaginário coletivo (Machado, 1994). De cunho popular, circulavam entre o povo e tratavam de assuntos pertinentes a esse universo. Esta investigação pretende identificar alguns discursos do *trabalho* que atravessam a fábula “A Cigarra e a Formiga”, do autor francês Jean de La Fontaine, na tradução de Milton Amado e Eugênio Amado no século XVII, do autor Monteiro Lobato escrita no século XX, e a do autor desconhecido, que circula na internet nos últimos anos.

A presença da temática do *trabalho* no texto fabular coincide com o surgimento do gênero. Essa temática tem sido encontrada já nos primeiros registros das narrativas orais. A fábula “A Cigarra e a Formiga” é uma das muitas outras que tratam da atividade do *trabalho*. Essa fábula traz a história de duas personagens: a cigarra e a formiga. Aquela passa o verão cantando, enquanto essa se dedica à colheita de suprimento alimentar para a garantia de sua sobrevivência no inverno. Com a chegada da estação fria, a cigarra se vê desprovida de alimento e vai, então, ao encontro da formiga, em busca de socorro. O desfecho da narrativa difere nas diversas versões existentes, em virtude da incorporação de novos percursos narrativos provenientes de diferentes visões de mundo.

O autor da versão francesa, Jean La Fontaine, era filho de pequeno burguês e viveu em um século marcado pela ascensão da burguesia e consequente perda de poder da aristocracia. Esse processo iniciou-se no século anterior, com as Grandes Navegações, e com a expansão do Mercantilismo, e teve como ápice a *Revolução Industrial e a Revolução Francesa*. As fábulas de La Fontaine foram utilizadas a serviço desse novo modelo político-econômico que estava surgindo.

Na adaptação de Lobato, além do título que já revela um desmonte do maniqueísmo com que era vista a espécie em La Fontaine também se destaca a figura do narrador do texto, a voz narradora nas fábulas de Lobato é a de Dona benta que, como avó das crianças, privilegia o contar fantasioso e lúdico em detrimento da preocupação moralizadora. Além disso, nessa narrativa, a cigarra não é inativa e dependente, ela pensa e pode ser responsabilizada por sua pró-

Cadernos do CNLF, Vol. XIII, Nº 04

pria recuperação, pois ela mesma procura e encontra uma saída para a situação difícil: “*deliberou socorrer-se de alguém*”.

Contudo não é somente a cigarra que é construída de modo diferente; a formiga também quebra a expectativa, causando o estranhamento no leitor, já que, ao recordar-se de que a outra cantava enquanto ela trabalhava, reconhece o valor de seu canto e procura recompensá-la pelas alegrias que aquela música, cantada pela cigarra nos momentos mais duros de seu trabalho, lhe proporcionava. A visão de La Fontaine continua a mesma, pois, para ele, enquanto os artistas, boêmios, vivem em lazer permanente (*bom tempo, sol quente, verão*) as formigas têm sua admiração já que simbolizam o *trabalho* incessante e a moral positivista predominante.

Em contrapartida a terceira versão apresentada neste trabalho quebra a visão positivista do *trabalho* apresentada pelas fábulas de Lobato e La Fontaine, trazendo uma nova moral, à medida que passa a valorizar o lazer em relação ao *trabalho* árduo da formiga, entretanto, revela a cigarra como um ser astucioso que aproveita a vida e sabe dosar *trabalho* e lazer, pois o *trabalho* da cigarra é fazendo aquilo que ela gosta e por isso dedica-se, intensamente, que é cantar. Nesta fábula, vemos a preocupação marcante do século XXI com o estresse, ocasionado pela rotina agitada de milhares de pessoas que trabalham muito e quase não se distraem, ressaltando, assim, a moral de que o *trabalho* em demasia não traz tantos benefícios, atualmente, como víamos nas fábulas do La Fontaine.

Nesta investigação, o conceito de *trabalho* está instaurado a partir dos seguintes elementos as marcas linguístico-discursivas dos textos, seus interlocutores historicamente situados e a finalidade da enunciação. Sobre isso, Brait e Melo (2005) notam que:

As noções enunciado/enunciação têm papel central na concepção de linguagem que rege o pensamento bakhtiniano justamente porque a linguagem é concebida de um ponto de vista histórico, cultural e social que inclui, para efeito de compreensão e análise, a comunicação efetiva e os sujeitos e discursos nela envolvidos. Bakhtin e seu Círculo, à medida que elaboram uma teoria enunciativo-discursiva da linguagem, propõem, em diferentes momentos, reflexões acerca de enunciado/ enunciação de sua estreita vinculação com signo ideológico, palavra, comunicação, interação, [...] texto, tema e significação, discurso, discurso verbal, [...] e demais elementos constitutivos do processo enunciativo-discursivo (p.65).

Cadernos do CNLF, Vol. XIII, N° 04

Nessa perspectiva, não é possível conceber o *tema* do enunciado apenas como realização das formas linguísticas disponíveis pelo sistema da língua. Ele é também composto de elementos não verbais, relacionados ao contexto histórico-social em que está inserido. Para os autores, não é possível, no entanto, esvaziar o conceito de significação no *tema* da enunciação. O conceito de significação é definido como os elementos da enunciação que são reiteráveis e idênticos cada vez que são repetidos. Não há significação sem *tema*, e o *tema*, por sua vez, necessita da estabilidade da significação para ter seu sentido construído. Portanto, o conceito de *tema* é fundamental para a identificação de alguns discursos do *trabalho* instaurados nestas fábulas.

A semântica discursiva, por sua vez, compreende como estas palavras ganham forma dentro dos textos, a construção de sentido baseia-se no conhecimento prévio do leitor para se fazer referências. Entretanto, o referente utilizado – objeto do discurso – não é construído no texto, pois é a partir do referente que se aciona o conhecimento – objeto de mundo – através de premissas ou evidências, assim, estes referentes evoluem no texto, tomam força e se transformam discursivamente por causa do propósito comunicativo, como vemos nas fábulas. Desta forma, a língua não pode ser compreendida fora do contexto, uma vez que o significado vai sendo construído e não é representacional. O sentido está em um contexto que o determina e o efeito desse sentido ocorre a partir da apropriação das palavras para se dizer o que quer. A seguir, pode-se observar no quadro como uma palavra pode atingir significados diferentes, dependendo da forma e do contexto como é utilizada para se transmitir uma mensagem.

O SENTIDO DE TRABALHO NAS VERSÕES DA FÁBULA “A CIGARRA E A FORMIGA”		
Jean La Fontaine	Monteiro Lobato	Autor desconhecido
Trabalho no sentido de se fazer algo: “Que fizeste até outro dia?”	Trabalho no sentido de algo árduo cansativo: “eterna faina”	O trabalho demasiado é colocado em oposição a aproveitar a vida
Sem trabalho não se tem benefícios: “A cigarra, sem pensar em guardar, (...)sem provisão na despensa”	O costume da cigarra era chiar e sem labutar, no inverno, estava “metida em grandes apuros”	“A cigarra só queria saber de cantar” e isto lhe trouxe benefícios: “Ferrari com um aconchegante casaco de <i>vison</i> ”
A arte de cantar não é encarada como traba-	O chiado da cigarra “distráa e aliviava o	A carreira de cantora da cigarra lhe proporcionou uma

Cadernos do CNLF, Vol. XIII, Nº 04

lho: “Tu cantavas? (...)pois dança agora...”	trabalho” das formigas, por isso ela vista como “cantora”	profissão: “Fechei contrato de 6 meses para fazer shows em Paris...”
A compensação do trabalho no futuro e não imediata, marcada pelo uso dos tempos verbais no passado “fizeste / cantava”, como premissas para a conclusão no presente “dança <u>agora</u> ”	O trabalho durante o verão traz benefícios para os animais no inverno que têm proteção do frio e alimentos, mas a cigarra não pensou nisso: “E que fez durante o bom tempo que não construiu a sua casa?”	O trabalho incessante da formiga durante o outono lhe garantiu “sua singela e aconchegante toca cheia de comida”, mas ela não iria aproveitar nada, pois estava “exausta de tanto trabalhar”. Por sua vez, a cigarra, que curtiu no outono, vai “passar o inverno em Paris”
A valorização do perfil do trabalhador em detrimento ao perfil da cigarra – encarada como preguiçosa, usando respectivos adjetivos: “obsequiosa” (presta serviços); “imprevidente” (não se previne).	A cigarra apresenta dois perfis por não ter labutado no verão, como as formigas: 1º) “a triste mendiga suja de lama a tossir”; 2º) “a alegre cantora dos dias de sol”	O perfil da formiga é marcado por adjetivos pejorativos: “Seu nome era ‘trabalho’ e seu sobrenome ‘sempre’.”/ “formiguinha”/ “exausta”; e a cigarra é caracterizada pelos verbos que dão ar positivo: “aproveitou/ curtiu/ cantou/ dançou/ viajou/ fazer <i>shows</i> ”.

2. O Ensino de leitura e escrita

2.1. O uso de fábulas e suas novas versões em sala de aula;

No sentido de que ler é extrair significado do texto, temos o foco da leitura no texto, que, de acordo com esta concepção, tem um significado preciso, exato e completo, que o leitor-minerador pode obter através do esforço e da persistência.

A leitura deve ser cuidadosa e acompanhada de dicionário sempre que surgir alguma dúvida em relação ao significado de alguma palavra, adivinhação de palavras novas deve ser evitada porque a leitura é um processo exato e a compreensão não aceita aproximações. Esta tendência, porém, apresenta sérias limitações, o verbo extrair não reflete o que realmente acontece na leitura, pois o conteúdo não se transfere do texto para o leitor, mas antes se reproduz n leitor, sem deixar de permanecer no texto.

Desta forma, pretende-se abordar os vários aspectos da leitura, desde as primeiras letras, passando pelas várias etapas escolares em que o leitor-aprendiz se apropria de estratégias de leitura na ten-

Cadernos do CNLF, Vol. XIII, Nº 04

tativa de tornar-se leitor competente, para chegarmos enfim ao *status* de leitor maduro. Neste breve tecer de ideias, refletimos também acerca do papel do professor como responsável por ensinar as estratégias que poderão levar ao sucesso do leitor na empreitada do ato de ler. Nesta etapa escolar, superada a fase de decodificação, utilizamos como apoio ao ensino das estratégias, o gênero propício a todas as séries do ensino básico e rica fonte para utilização das estratégias de leitura.

Se tomarmos o ato de ler na acepção de atribuir significado, teremos o significado voltado para o leitor. Sendo que o mesmo texto poderá provocar visão diferente da realidade em cada leitor e até mesmo em cada leitura, dependendo da bagagem de experiências prévias que o leitor traz para a leitura. A partir da leitura da fábula de La Fontaine e suas diferentes versões, pretende-se despertar no aluno três capacidades de leitura: a leitura como habilidade fundamental do ser humano; a leitura como prática social; e a leitura como ato de produção de textos.

O primeiro enfoque refere-se à leitura primitiva que eleva o ser humano a condição de sujeito, partindo da atividade fundamental de interação com outro sujeito, sendo admitida pelas ciências psicológicas como uma das primeiras manifestações de leitura do ser humano, o ato do bebê, que quando está saciado move sua cabeça de lado a lado, inaugurando, assim o princípio do “não”. Ação esta que é uma leitura da realidade e provoca na mãe uma leitura interpretativa do ato de amamentar.

No sentido de leitura com prática social, o sujeito leitor passa a interagir com o texto, relacionando-o as suas marcas individuais e as determinadas pelo lugar social de onde provém o sujeito, possibilitando várias leituras para um mesmo texto, de acordo com as condições psicológicas e afetivas vivenciadas pelo leitor. A educação formal, no entanto, busca estabelecer como padrão ideal de leitura aquela produzida pela classe dominante, levando o sujeito-leitor a reproduzir as leituras preestabelecidas pelo social, sem, contudo, enxergar outras possibilidades de entendimento do texto. Já na leitura como ato de coprodução do texto, temos o texto e leitor exercendo influência um sobre o outro, uma vez que o texto nunca está acabado. O texto é enunciação projetada pelo autor em um processo de in-

Cadernos do CNLF, Vol. XIII, N° 04

teração permanente, sendo o leitor coprodutor do texto, completando-o com sua bagagem histórico-sociocultural. Para que isto se efetive, é necessária a ativação de todo um processo cognitivo, desde a percepção do texto e sua posterior decodificação, passando pela compreensão, pelos processos inferenciais até a interpretação, que é um novo texto.

Sob este prisma, é proposto neste trabalho que o trabalho de leitura e produção de textos possa se estabelecer no início através do gênero textual a *fábula*, pois a cultura inicial dos povos é essencialmente oral, e este gênero que, como tantos outros gêneros narrativos, registra as experiências e o modo de vida dos povos. Salienta-se ainda que é por meio de histórias que ouvimos, por meio dessa tradição oral registrada nos livros, que aprendemos lições importantes para o convívio em sociedade. Apesar de parecerem historinhas para crianças, onde encontramos animais que falam e agem como seres humanos, as fábulas, inicialmente, foram criadas para serem contadas para adultos, como forma de aconselhá-los e distraí-los, sendo que, através dos tempos, muitos autores renomados se dedicaram a contar e escrever fábulas.

Através das fábulas, o professor preocupa-se em preparar as crianças para a vida em sociedade, pois este material prende a atenção do leitor a uma situação central, vivida por duas ou três personagens, e dela extrai a moral da história, que pode servir de conselho, crítica ou sátira. Sem a necessidade de que o tempo e o lugar sejam muito detalhados, pois nela o quando e o onde acontece à história, mas não são tão importantes, a não ser que estes dados sejam necessários para a compreensão da história. Desta forma, a atenção do aluno é atraída para a questão da leitura e se desperta no mesmo a vontade de se produzir o texto, tornando-o escritor e leitor de seus próprios textos.

2.2. As alterações semânticas e suas implicações para o ensino de leitura e escrita

O ensino de leitura e produção de textos em sala de aula é importante, pois o espaço da disciplina de redação nas escolas é destinado para garantir o uso ético e estético da linguagem verbal, como

Cadernos do CNLF, Vol. XIII, Nº 04

nos indicam os Parâmetros Curriculares Nacionais – PCNs. Destaca-se o reconhecimento do homem pelos textos que produz, pois a língua é o instrumento de uma realidade que tem lugar alhures, ressaltando no documento divulgado pelo MEC sobre os PCNs de Língua Portuguesa, que a postulação básica do ensino é centrada no texto, quer em termos de leitura, quer em termos de produção. Desta forma, pretende-se fomentar, no ensino de língua portuguesa e redação, a competência do aluno para falar, ouvir, ler e escrever texto com mais relevância, consistência e adequação, conforme destaca a linguista Eni Orlandi:

A compreensão do texto será resultante da materialidade da ideologia, ou seja, trabalho simbólico da Análise do Discurso está na base da produção da existência humana, não trabalhando com a língua enquanto um sistema abstrato, mas a língua do mundo. Daí o sentido do texto derivar como resultado de um conjunto de estratégias discursivas, que devem ser decodificadas pelo leitor/ corretor destes textos num processo de interação. (ORLANDI, 2005, p. 15)

Através da fábula e de suas versões desperta-se no aluno a interação com o professor que muito mais do que apresentar apenas o gênero textual, também se volta para o *tema* abordado e o discute a partir das polêmicas levantadas nas reescrituras de uma mesma história, alterando o sentido e a moral em relação ao *trabalho*, como vimos na “Cigarra e a Formiga”. Assim, o ensino de escrita e leitura de textos consiste no ato de compreender e analisar a “forma do discurso” em função de uma construção encadeada, a partir da ação do sujeito emissor sobre o sujeito receptor. Neste sentido, muito mais do que apenas fixar noções básicas acerca da produção textual, este trabalho visa motivar o grupo discente a ser escritor e leitor de seu próprio texto, a fim de conscientizá-los sobre os diferentes tipos de textos, ultrapassando o aspecto classificatório com o entendimento da função textual e das relações semânticas e pragmáticas, que envolvem um mesmo texto.

Com base na proposta supracitada, pode-se concluir que tornar o aluno leitor-escritor ou escritor-leitor é uma tarefa audaciosa, mas possível de ser feita a partir das práticas metodológicas que despertem no discente esta noção de tornar o texto cada vez mais claro e objetivo para a compreensão do mesmo. Cabe ao professor ensinar o aluno os recursos para articular as ideias, as tornando um texto, esta prática deve levar em consideração outros dados inerentes ao aluno

Cadernos do CNLF, Vol. XIII, N° 04

que também contribuirão para a eficácia da proposta, tais como, conhecimento de mundo, vocabulário, associações, experiências e cultura. Sem estes não será fácil ministrar as informações em sala de aula, o respeito para com o que o aluno traz na sua bagagem curricular deve existir para que assim possamos alcançar os ideais de um ensino-aprendizagem, processo educacional no qual todos os participantes aprendem.

Portanto, o ensino de leitura e produção de textos em sala de aula é importante para motivar no aluno que este ato pode se expandir. Cabendo ao aluno dominar os significados das palavras nos textos, pois estes sentidos atenderão a necessidade de cada produtor e do receptor, como uma via de mão-dupla, saciando a demanda de quem lê e escreve a partir das práticas adquiridas em sala de aula.

3. Considerações Finais

O ponto de vista adotado aqui procurou abranger o que a semântica discursiva do texto denomina de – teorias de construção de sentido – que consiste em compreender e analisar a semântica voltada para o texto, da perspectiva do texto pôde compreender e interpretar o sentido das palavras inerentes as redes de significação estabelecida em cada fábula, por meio do conhecimento de mundo, visão do autor e evidências adquiridas pela moral de cada texto. Através do discurso empregado em cada versão pode-se perceber que a palavra *trabalho* é uma palavra biunívoca, pois expressa a fala do personagem e o pensamento de toda uma sociedade. Não obstante, cabe ressaltar que a palavra não decodifica o pensamento, ela é um instrumento para a exteriorização do mesmo. Logo, essas operações constituem a base de um processo mais consciente e produtivo de interpretação e produção de textos proposto para os alunos e outros escritores-leitores que hão de surgir.

Como a proposta apresentada é de analisar as releituras de uma mesma fábula, investigando a produção de texto sob a ótica do deslocamento de sentido que a palavra *trabalho* adquiriu em cada versão mediante o contexto em que foi empregada, ressalta-se como a leitura e a escrita são comuns e de presença muito forte na nossa sociedade. Todas as comunidades fazem uso de leitura e de escrita

Cadernos do CNLF, Vol. XIII, N° 04

direta ou indiretamente, pois aqueles que não sabem ler, nem escrever também têm contato por meios de outros que as dominam. Até mesmo as crianças que não sabem ler folheiam livros e já se inserem no universo do letramento; já são letradas a bem dizer, apesar de não serem ainda alfabetizadas. Desta forma, se propõe que os textos produzidos pelos alunos, como marca da chamada “cultura escrita”, possam destacar esta importância da linguagem escrita na sociedade moderna. No Brasil, ainda não se tem uma prática efetiva de leitura e escrita, porém, já se podem observar os esforços da parte de nossos educadores na avaliação do nível de letramento e não simplesmente na avaliação de saber ler ou escrever, considerando o alto índice de analfabetismo – baixo nível de letramento. Neste sentido, seria *alfabetismo* usado para identificar capacidades individuais e letramento para referência às práticas sociais do uso da escrita e da leitura.

Desta forma, este trabalho oferece ferramentas para o ensino da leitura e escrita, proporcionando aos alunos da disciplina de Língua Portuguesa, nas escolas, condições de produção e leitura através do uso de fábulas e suas diferentes versões como mecanismo que desperte a curiosidade, humor e o interesse do aluno. Além disso, ressalta-se que o ensino da leitura, dos usos, do saber sobre a língua e dos valores que se constituem sobre ela – ganhou novos contornos com a introdução, no campo da educação, desse conceito de letramento, que tem recoberto uma gama variada de interpretações do fenômeno social da escrita; as quais, apesar de fortemente relacionadas, supõem diferentes objetos. Ao lado dessa noção, Brito (2003) propõe que letramento designa a condição do indivíduo que exerce, direta ou indiretamente, práticas de leitura e escrita, da mesma forma que se nota em Orlandi (2005) a compreensão do texto como resultante da materialidade da ideologia.

Portanto, o ponto de vista aqui adotado procurou explorar de forma satisfatória o discurso fabuloso de um homem enraizado em um meio social determinado, com preocupações, inquietudes e problemas e com sua própria maneira de sentir e pensar o mundo. Em diferentes contextos, os autores (o homem) puderam expressar o que queriam dizer através da apropriação da palavra *trabalho* em seus discursos, destacando assim a moral variada para cada fábula e a importância deste gênero para os estudos da linguagem, pouco se con-

Cadernos do CNLF, Vol. XIII, Nº 04

siderando as questões relativas à circulação do conhecimento sobre a linguagem, conforme afirma Pêcheux (*apud* NUNES, 2006):

O discurso é efeito de sentido entre locutores e envolve uma série de posições sociais (professor, aluno e outros), que contribuem para a formação do conhecimento sobre a linguagem dentro de uma prática da História das Ideias Linguísticas, a análise e a história da língua no século XX.

Desta forma, o conhecimento deriva de uma relação entre o sujeito e o mundo, um processo em que a compreensão inicial da natureza, posta em questão na própria ação reflexiva, se transforma em um novo modo de compreensão do mundo e, assim, permite que todo usuário da língua moderna ativa seja letrado, mesmo sendo analfabeto. Logo, focaliza-se, aqui, o sentido social da língua se debruça sobre os textos produzidos nas escolas a fim de demonstrar o saber a língua e o saber sobre a língua que se conjugam no preconceito social do “saber ler e escrever bem a (nossa) língua” que atravessa toda essa história, mas adquire a existência da linguagem na sociedade. Porque, sem dúvida, o conhecimento de língua durante muito tempo se resumiu, no discurso social, a “falar e escrever corretamente”, este conhecer a língua teria poder de administrar a sua prática na sociedade, de modo a reger os seus destinos. Neste sentido, a relevância deste trabalho para o desenvolvimento do processo de ensino-aprendizagem nas escolas pretende fomentar no ensino de língua portuguesa e de produção textual algumas noções básicas da propriedade textual, com o objetivo de desenvolver a nossa competência para falar, ouvir, ler e escrever textos com mais relevância, consistência e adequação.

Logo, a linguagem é vista como parte da organização da sociedade. Visto que a língua não é apenas mediadora do conhecimento, mas a matéria-prima com efeitos para a organização do próprio conhecimento social, ou seja, o que se procura dizer com esta análise é que, com a inclusão da reflexão sobre a linguagem e seus significados, não apenas como instrumentos neutros, nessa mudança de perspectiva, mas como forma de conhecimento capaz de produzir um saber.

Cadernos do CNLF, Vol. XIII, N° 04

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BAKHTIN, M. Gêneros do Discurso. In: _____. *Estética da criação verbal*. São Paulo: Martins Fontes, 2000.

BECHARA, Evanildo. *Moderna gramática portuguesa*. Rio de Janeiro: Lucerna, 2000.

BRITTO, Luiz P. L. *Contra o consenso: cultura escrita, educação e participação*. São Paulo: Mercado de letras, 2003.

CAMARA JR., J. Mattoso. *Contribuição à estilística portuguesa*. Rio de Janeiro: Ao Livro Técnico, 1977.

MACHADO, Irene. *Literatura e redação*. São Paulo: Scipione, 1994.

MELO, Rosineide de; BRAIT, Beth. Enunciado/enunciado concreto /enunciação. In: BRAIT, Beth (Org.). *Bakhtin: conceitos-chave*. 1ª ed. São Paulo: Contexto, 2005, p. 61-78.

MONTEIRO, José Lemos. *A estilística*. São Paulo: Ática, 1991.

NUNES, J. H. *Dicionário no Brasil: análise e história do século XVI ao XIX*. Campinas: Pontes, 2006.

ORLANDI, E. Sujeito, história, linguagem. In: _____. *Análise de discurso: princípios e procedimentos*. Campinas: Pontes. 2005.

VALENTE, André Crim (Org.). *Língua, linguística e literatura*. Rio de Janeiro: Eduerj, 1999.